

ENTREVISTA / FREI BETTO, FRADE DOMINICANO, ESCRITOR, ENSAÍSTA E POETA

'Como bom mineiro, escrevo em silêncio'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

As comemorações pelos 80 anos do mineiro de BH Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, aconteceram em 25 de agosto, data de seu aniversário, mas sua participação no Clube de Leitura do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), nesta quarta-feira, às 16h30, tem, em certa medida, um tom de celebração - não de suas primaveras, mas de sua coragem para expor as brutalidades institucionais do Brasil.

"Batismo de Sangue", que lhe rendeu o Jabuti em 1982, costuma ser o estandarte de sua peleja contra as práticas de violência do Estado, sobretudo as que foram perpetradas por agentes de farda verde oliva entre 1964 e 1985. Uma fatia desse período de ditadura, relativo à década de 1970, é contextualizado por ele em "Tom Vermelho do Verde", um de seus livros mais aclamados, que vai guiar o evento deste 11 de dezembro, sob a coordenação da curadora, escritora e produtora cultural Suzana Vargas.

A partir da construção da rodovia BR 174 (Manaus-Boa Vista), em plena gestão dos generais no Planalto, sua trama se detém sobre a dura realidade da população indígena amazônica Waimiri-Atroari, historicamente explorada por companhias mineradoras e madeireiras. A conversa no CCBB, que inclui a teóloga e jornalista Magali Cunha, revisita essa a vida desse povo num viés que vai além da ecologia, da antropologia e da denúncia, num 360° de poética e indignação.

Como o título desta entrevista sugere, Frei Betto, que trabalha na quietude, a observar e refletir, quer mais é ouvir as inquietações da plateia, como fez com as perguntas (a seguir) do Correio da Manhã.

Uma frase (in)digna de nota de Jair Bolsonaro, "Os índios são quase seres hu-



Divulgação

“A literatura vira ato de fé em todo trabalho criativo. Sem fé na força e na magia da literatura não haveria alento para escrever”

Frei Betto

manos”, parece encontrar tradução genealógica no seu “Tom Vermelho do Verde”. O quanto a sua escrita exorciza a opressão histórica aos povos originários?

Frei Betto: No romance “Tom vermelho do verde”, editado pela Rocco, resgato a história e a dignidade de uma das etnias mais tradicionais do Brasil, o povo Waimiri-Atroari. Nenhum segmento da sociedade brasileira foi mais oprimido pelos 21 anos de ditadura

militar, de 1964 a 1985, como os nossos povos originários. O romance é baseado em fatos históricos.

Como se deu sua imersão na realidade dos Waimiri-Atroari e o quanto os bastidores da construção da BR-174 se materializaram nas suas pesquisas para o livro?

Foram 10 anos de pesquisas. Infelizmente não me foi possível visitar a reserva

indígena, devido à pandemia e ao fato de empresas como a mineração Parapanema e a Eletronorte manterem os indígenas sob tutela, já que as terras deles possuem minerais preciosos, como urânio, mas entrevistei pessoas que conhecem intimamente os Waimiri-Atroari.

Em que momento na sua trajetória como escritor a fé vira literatura e a literatura vira um ato de fé?

A fé vira literatura em meus livros sobre espiritualidade. Atualmente redijo uma tetralogia sobre os evangelhos, pela editora Vozes. Duas obras já foram publicadas: “Jesus militante”, que trata do evangelho de Marcos, e “Jesus rebelde”, sobre o evangelho de Mateus. A literatura vira ato de fé em todo trabalho criativo. Sem fé na força e na magia da literatura não haveria alento para escrever.

O que a ditadura abriu de denúncia, de perplexidade e de poesia na sua escrita? Aliás, para onde ela vai agora? Que novos romances estão por vir?

Escritor eu sou desde a adolescência, mas virei autor graças à ditadura, quando minhas “Cartas da prisão”, da Companhia das Letras, foram publicadas e se tornaram best-seller aqui e na Itália. Como bom mineiro, escrevo em silêncio. Só falo de um livro ao terminá-lo.

O que “Batismo de Sangue” simbolizou na sua formação como autor e o que o livro ainda revela sobre a época que retrata?

“Batismo de sangue” (Rocco) é uma obra que nunca parou de interessar aos leitores. Vem sendo editado desde seu lançamento, em 1982. Considero o livro - e o filme de mesmo nome, dirigido por Helvécio Ratton - documentos muito realistas do que foram os 21 anos de ditadura.

O que um ambiente de troca como o Clube de Leitura te oferece como espaço de investigação sobre a reverberação da sua prosa?

O espaço do Clube de Leitura permite divulgar a minha obra literária com um público qualificado e interessado. Prestígio muito o excelente trabalho que Suzana Vargas faz no Clube.

Que livros te fizeram amar a literatura? Que livro te fez autor?

Muitos: Monteiro Lobato, Jorge Amado, Júlio Verne, Michel Quoist, Saint-Exupéry, Rimbaud, Truman Capote e muitos outros.